

SANTO ANDRÉ DE CRISTELOS EM 1758: memória paroquial, toponímia e património.

Divulga-se no presente texto a memória setecentista da paróquia de Cristelos, freguesia que completa atualmente a União de Freguesias de Cristelos, Boim e Ordem, do concelho de Lousada. Tal como evidenciado nos inquéritos até aqui divulgados, também o padre relator, Manoel Nunes Neto, nos dá um panorama dos principais traços que autorizam um singular conhecimento da realidade que caracterizava a terra, a serra e os rios de Cristelos por meados do séc. XVIII, aspetos que, por exemplo, permitem analisar o seu enquadramento geo-administrativo no território ou acercar-nos de importantes aspetos concernentes à demografia ou mesmo à economia da freguesia.



1. CRISTELOS - A PARÓQUIA E A SUA IGREJA

A igreja de Santo André de Cristelos

São muito antigas as referências que encontramos para uma igreja dedicada a Santo André dentro do território que viria a constituir a freguesia de Cristelos. Refira-se, a este propósito, embora com algumas reservas, um documento de dotação do mosteiro de Santo Estêvão de Vilela, pelo qual Dona Vivili, viúva de Fromarigo Espassandes, juntamente com suas filhas, fazem doação ao referido mosteiro de um conjunto extenso de bens móveis e imóveis. No texto deste documento, que pelas características dos bens doados se configura como uma dotação fundacional deste mosteiro, encontra-se a referência à doação integral da igreja de Santo André Apostolo, que se situava na *villa* Cristelos.

Sobre este documento persistem algumas dúvidas relativamente à sua datação (4 de dezembro de 980 ou de 1010). O conteúdo também põe em evidência algumas contradições com documentação posterior, pois refere-se que a igreja de Cristelos foi doada na íntegra, quando, por uma carta de agnição datada de 1114, os filhos de Mendo Pais reconhecem a venda a Guterre Mendes e Ónega Gonçalves de uma parte da igreja de Cristelos. Mais esclarecedora se torna ainda a informação contida nas inquirições de 1258 em que os jurados convergem todos na afirmação de que a igreja pertencia ao mosteiro de Vilela e a *herdadores*, ou seja, proprietários laicos e livres, adensando, portanto, as dúvidas acerca da doação feita por D. Vivili e suas filhas ao mosteiro de Vilela.

Não obstante estas dúvidas, parece evidente a antiguidade de um templo dedicado a Santo André certamente associado à referida *villa Carastelus* que, apesar da sua origem como igreja privada, acabou por afirmar-se durante o longo processo de definição e organização das territorialidades eclesiásticas.

Por meados do século XVI, todo o direito de padroado sobre a igreja de Cristelos já tinha sido transferido para o mosteiro de Vilela, que assim o exercia em exclusividade. Segundo o *Censual da Mitra do Porto*, realizado em 1542, a apresentação do pároco de Cristelos cabia unicamente ao mosteiro de Vilela. Esta informação é reafirmada, cerca de um século e meio depois, pelo padre António Carvalho da Costa na sua *Corografia*. Diferente será a situação relativa ao padroado da igreja de Cristelos verificada em 1758, quando o cura Manuel Nunes

Neto redigiu as respostas ao inquérito paroquial, sem que se determinem as razões dessa alteração. De acordo com a informação daquele padre, a prerrogativa de escolher o pároco, um dos direitos que a posse do padroado atribuía, dependendo dos meses da vacatura, cabia, alternativamente, ao Papa, ao bispo do Porto e ao mosteiro de Santo Agostinho da Serra do Pilar (cenóbio da mesma ordem dos Cónegos Regrantas ao qual o mosteiro de Vilela fora unido em 1612).

O edifício da igreja foi sofrendo diversas transformações ao longo dos séculos. O aspeto atual resulta de uma grande renovação arquitetónica ocorrida no final do século XVIII. Por essa época os fregueses e o pároco terão resolvido realizar grandes obras na nave e na capela-mor. Os proprietários da casa da Ribeira contribuíram para essas obras, pagando a construção do arco-cruzeiro, da torre sineira e da frontaria da igreja. Uma inscrição na face interior do arco cruzeiro contém o seguinte: "Este arco torre fronteira desta igreja mandou fazer a caza da Ribeira para que lhe forão consedidas as duas sepulturas anno de 1790". Por baixo do arco-cruzeiro lá estão, ainda hoje, as sepulturas cedidas à casa da Ribeira. No interior da igreja o que mais chama a atenção é o retábulo-mor. Trata-se de uma obra de talha dourada de muito boa qualidade, embora esteja um pouco danificada por um restauro recente mal executado. O retábulo é barroco de estilo nacional e foi feito por finais do século XVII.

2. MEMÓRIA PAROQUIAL: TRANSCRIÇÃO

Padre Manoel Nunes Netto, encomendado da parochial igreja de Santo André de Christellos, commarca de Pennafiel, do Bispado do Porto, satisfazendo a ordem do Muito Excelentissimo Reverendissimo Senhor Dom Frei Antonio de Tavora, por mercê de Deos e da Santa Sé Appostolica, Bispo deste bispado do Porto, e junto com a dita ordem, hum papel com seus interrogatorios escriptos, em letra redonda, que tudo recebi em dous do mês de Março passado, do prezente anno de mil e setecentos e sincoenta e oito annos, ao qual papel e interrogatorios dou conta na forma seguinte. 1º. Esta freguezia de Santo André de Christellos está situada na Provincia de Entre Douro e Minho, commarca de Pennafiel, do bispado do Porto, concelho de Louzada. 2º. Hé o dito concelho de Louzada da Serenissima Caza do Estado de Bragança, que hé da Senhora Princeza, filha primogenita de Sua Magestade Fidelissima, que Deos guarde por muitos annos. 3º. Tem

oitenta e nove vezinhos, e trezentas e dezoito pessoas, entre maiores e menores. **4º.** Está situada em hum valle, e tem alguns montes piquenos, e de pouca entidade, e se descobre desta freguezia a villa de Arrifana de Souza, que dista huma grande legoa. **5º.** Consta esta freguezia de moradias vezinhos com separação, que dividem os predios de cada morador. **6º.** Está a igreja e rezidencia parochial, e paçal della, solitariamente quazi fora da freguezia para a parte do Norte, sem morador, nem vezinho dentro do paçal, e o vezinho que tem propinquo à igreja e rezidencia dista três tiros de espingarda. Tem as aldeas seguintes: aldea chamada de Lagoa, Agro de Favo, aldea do Crasto, aldea de Baixo, aldea da Costa, aldea do Barreiro, aldea do Burgo, aldea de Marecos. **7º.** Hé orago e padroeiro desta freguezia Santo André Apostollo, e está a sua imagem colocada no altar da cappella mor. E tem esta igreja quatro altares collaterais. Tem o altar mor as imagens seguintes, a saber, Santo André Apostolo, padroeiro, a imagem de Santo Christo, Ecce Homo, a imagem do Santo Christo prezo à coluna, a imagem do Senhor Reçuscitado, a imagem do Senhor dos Passos com a cruz às costas, a imagem de Nossa Senhora do Pillar, a imagem de Nossa Senhora da Lapa, a imagem de Nossa Senhora e o Menino Jezus e Santa Anna. E tem o Santissimo Sacramento no seu sacrario ao viatico. Tem o altar coleteral, que fica à mam Direita, a imagem de Santo Antonio, e a imagem de Sam Sebastian, e a imagem de Sam Roque. Tem o altar colleteral, que fica à mam Esquerda, a imagem do Menino Jezus. Tem altar da parte Direita, junto à porta travessa, a imagem do Senhor Crucificado. E outro altar que fica para parte Esquerda hé da irmandade das Almas, que corresponde com o do Senhor Crucificado, o qual altar tem as Almas pintadas, e nam tem imagem alguma. Nam tem naves. Tem irmandade leigal com estatutos ecclesiasticos, que se festeja annualmente em dia de Santo André, seu padroeiro. **8º.** O parocho hé abbade, hé alternativa a apresentaçam, a saber, Sua Santidade, o Senhor Ordinario do mesmo bispado, e os religiosos de Santo Agostinho do Convento de Nossa Senhora do Pillar da Serra, da cidade do Porto. E renderá annualmente quatrocentos e sincoenta para quinhentos mil reis. Ao nono, decimo, undecimo, duodecimo, nam há que dizer. **13º.** Tem esta freguezia três cappellas, a saber, huma de Nossa Senhora da Conceiçam, sita na aldea de Baixo, e hé de toda a freguezia, em que se acha uma confradia da mesma Senhora, que a sustenta e repara. Há outra de Nossa Senhora do Loreto, com a imagem da mesma Senhora,

sita no monte chamado de Laboreiros, de que hé administrador o reverendo abbade desta freguezia. E a outra sita na Quinta da Ribeira, com o titulo de Sam Jozé, de quem hé administrador a caza da mesma Quinta da Ribeira. Tem as imagens seguintes, a saber, Sam Jozé, padroeiro, a Senhora do Bom Sucesso, Sam Bento, Sam Bernardo e Santa Umbelina ou Humelina. Ao **decimo quarto** nam há que dizer. **15º.** Os frutos da terra que os lavradores recolhem com maior abundancia hé milho grosso, chamado milham, e vinhos verdes, chamados de enforcado, e dos mais frutos como hé milho branco meudo, centeio, e painssso, e trigo pouco. E também recolhem feijoens brancos, pretos, pastos e fradentos, a que chamam galegos. **16º.** Está sugeita ao juiz ordinario deste concelho de Louzada. Ao **decimo septimo, decimo oitavo e decimo nono**, nam há que dizer. **20º.** Se serve do correio da villa de Arrifana de Souza, que dista huma legoa. **21º.** Dista esta freguezia daqui à cidade capital do bispado, chamada do Porto, seis legoas, e à capital do Reino, chamada Lisboa, sessenta legoas. Ao **vigessimo segundo, vigessimo tercio, vigessimo quarto, vigessimo quinto**, nada. **26º.** Nam ouve nesta freguezia ruina de consideraçam com o Terremoto de terra, tam somente cahiram as bollas de pedra das piramidas do campanario dos sinos, que pezariam três arrobas cada huma, e ainda se lhe nam puzeram. Ao **vigessimo septimo**, nam há que dizer. Na segunda parte nam tenho que informar senam o seguinte: **1º.** Está esta freguezia situada em hum valle, entre sinco **montes**, de pouca entidade, a saber, o monte de Laboreiros, o monte de Penouços, o monte do Orgal, o monte de Sam Domingos, o monte da Costa. Entre estes montes hé que os lavradores tem os seus predios e agriculturas. Ao **segundo, tercio, quarto, quinto, sexto, septimo, oitavo, nono**, nam tenho que informar. **10º.** A qualidade do temperamento da terra hé frio e humido. **11º.** Há creaçam de gados meudos, como são ovelhas e porcos e galinhas. Do **duodecimo e do decimo tercio**, nam tenho que informar. **Rio. 1º.** Corre por esta freguezia, da parte do Nascente para o Poente, hum lemitado regato, que tem seu principio na serra chamada do Calvello, da freguezia de Sam Miguel de Silvares, vezinha desta, do Arcebispado de Braga, chamado o regato do Funtam, o qual se mete no rio chamado Mezio. Terá de comprido meia legoa. **2º.** Nasce o dito regato na serra do Calvello, em varias fontes, que a poucos passos mói hum muinho. No tempo do Inverno, quando há muitas agoas corre caudelozo, e no tempo de Veram seca em partes, por lhe levantarem as agoas

para regarem os frutos. E tem algumas arvores nos predios que estão juntos do mesmo regato. E de todos os mais interrogatorios contheudos nesta terceira parte nem tenho que informar, nem acho couza cencial que possa dizer, o que tudo passa na verdade. Santo Andre de Christellos, 14 de Abril de 1758 annos. O encomendado, o padre Manoel Nunes Netto¹.

3. TOPONÍMIA E PATRIMÓNIO

3.1 Toponímia

Denominação (antiga-1758/atuall)	Nota etimológica/Referências bibliográficas/Observações
Agro de Favo	Agro, singular masculino de agra, o mesmo que campo ² . Favo, do latim « <i>favu</i> ». Esta forma compósita parece aqui indicar a presença de um pequeno campo, possivelmente circundado de outras parcelas agrárias, por isso um alvéolo, forma semelhante onde as abelhas guardam o mel.
Aldeia de Baixo	Topónimo geográfico que ora por oposição distingue uma aldeia a uma cota inferior relativamente a outra mais elevada topograficamente, ora indica tratar-se da aldeia situada na zona mais baixa da freguesia.
Barreiro	Topónimo evidente. J. P. Machado considera tratar-se de um «lugar de onde se tira barro», «terra alagada» ³ . Este vocábulo deriva assim de barro, declara ser lugar onde se recolhe ou existe terra argilosa.
Burgo	Tem origem no latim « <i>burgus</i> » e exprime o conceito de pequeno aglomerado rural.
Costa	Parcela de um território marcado por uma topografia acidentada, isto é, de encosta ⁴ . Compreende usualmente a superfície a meia altura de um morro que se destaca na envolvente. Situa-se normalmente entre o cocuruto de um monte e o início do vale.
Crasto	Deriva do latim « <i>castrum</i> ». Crasto ou Castro são termos muito frequentes em Portugal e na Galiza e exprimem uma mesma realidade, isto é, de que no local assim denominado existiu uma fortificação, usualmente da Idade do Ferro, que a investigação arqueológica convencionou chamar de castreja.
Lagoa	Topónimo evidente. Relaciona-se usualmente com uma superfície pautada pela abundante presença de água, um charco ou zona alagada, de solo “ensopado”.
Marecos	Antropónimo, nominativo de « <i>Marecus</i> », porventura de origem germânica.
Monte da Costa	Monte é um topónimo de origem evidente. Local onde se faz recolha de mato para a cama de gado em regime estabular. Quanto a Costa veja-se o anotado anteriormente.
Monte de Laboreiros	Para monte veja-se o que acima se escreveu. O vocábulo Laboreiros deriva do latim <i>lepus</i> , « <i>lebre</i> » ⁵ , pelo que estamos perante uma composição que exprime local onde abundam lebres.
Monte de Penouços	Para monte veja-se nota anterior. Penouços deriva de <i>Pena</i> , topónimo frequente em Portugal e na Galiza ⁶ . Trata-se de um monte elevado, algo destacado na orografia envolvente e onde por vezes é pautado presença de grandes blocos rochosos.
Monte de Sam Domingos/ Monte de São Domingos	Hagiotopónimo. A tradição coloca no cimo do monte uma capela de invocação a São Domingos. A mesma não se encontra até ao momento documentada sob qualquer forma escrita ou arqueológica.
Monte do Orgal	Para monte veja-se nota precedente. Orgal deriva provavelmente do latim <i>ulicale-</i> , derivado de <i>ulex</i> , «alecrim» ⁷ .

TABELA 1 Tabela de dados toponímicos contidos na Memória Paroquial de Cristelos de 1758.

¹IAN/TT, *Memórias Paroquiais*, vol. 11, memória 314, fls. 2169-2172. CAPELA, José, MATOS, Henrique e BÓRRAL-HEIRO, Rogério – *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Memórias, História e Património. Braga. Ed. autor, 2008, pp. 309.

²MACHADO, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed. vol. I. Lisboa: Livros Horizonte/ Confluência, 1993, p. 61.

³*Idem*, p. 221.

⁴*Idem*, p. 460.

⁵*Idem*, p. 373.

⁶*Idem*, vol. III, pp. 1153-1154.

⁷*Idem*, vol. III, p. 1446.

3.2 Património

Capela de Nossa Senhora da Conceição

Predominando sobre um pequeno largo abrigado por frondosos carvalhos, encontramos a Capela de N. S. da Conceição, rodeada por terrenos agrícolas e casas tradicionais de lavrador.

Trata-se de uma capela pequena, de uma só nave, que sofreu vários restauros ao longo dos tempos. Nota-se claramente que a capela primitiva seria mais baixa, assim como a galilé que a precedia. Um friso saliente logo acima do portal principal, supostamente para arranque da galilé original, dá-nos essa indicação.

Três fiadas de lajes sobre os frontões da velha capela foram, em tempos, colocados com a intenção de elevar a altura do templo. Na frontaria destaca-se um púlpito enquadrado na própria parede, vestígio valioso da capela do século XVII, e uma tampa sepulcral armoriada igualmente embutida. Trata-se da tampa da sepultura do padre José Pinto de Sousa, na qual se vêem esculpidas as suas armas: I e IV quartel SOUSA (dito de Arronches); II PINTO; III RIBEIRO (moderno). O padre faleceu no ano de 1753, sendo sepultado no interior da capela, onde permaneceu a tampa até uma remodelação recente em que se optou por inseri-la na frontaria. No alçado esquerdo, assente no entablamento da capela, persiste uma sineira em arco de volta perfeita com um pequeno sino e encimada por uma cruz em ferro, elemento que também resultará de aproveitamento a primitiva capela. O interior da capela guarda um bom retábulo rococó dos finais do século XVIII, contendo a belíssima imagem de Nossa Senhora da Conceição.



FIGURA 1 Capela de Nossa Senhora da Conceição.

Nossa Senhora do Loreto

No cimo do Monte de Laboreiros encontra-se a vetusta capela de N. Sra. do Loreto, mencionada em 1758 pelo padre memorialista de Cristelos, Manoel Nunes Neto. Anualmente, para prestar culto à veneranda senhora e pagar promessas atendidas, ali ocorre grande número de romeiros de toda a parte no último domingo do mês de maio.

O estudo dos diferentes planos desta capela denuncia terem sido realizados pelo menos dois momentos construtivos de especial monta, afastados no tempo, sendo explícitas as alterações operadas através de duas inscrições, ambas fixadas em padieiras, no alçado norte. O primeiro momento terá ocorrido por 1698, correspondente globalmente à atual capela-mor. O desen-



FIGURA 2 Capela de Nossa Senhora do Loreto.

volvimento do culto e a afluência de fiéis terá impulsionado o aumento das esmolas, assim como a necessidade de aumentar a dimensão da capela que se concretizou através do acrescento do corpo da nave, já no último quartel do século XVIII, ocorrido concretamente em 1783. O interior revela igualmente estes dois momentos de construção. Na capela-mor pode-se apreciar um retábulo do último quartel do século XVIII, executado e colocado durante os trabalhos de reforma e ampliação. Na sacristia repousa o primitivo retábulo, em talha dourada e pintada, de estilo joanino, de meados do século XVIII.

Capela da Quinta da Ribeira

Pequena capela dedicada a São José erguida junta à casa da Ribeira, freguesia de Cristelos. Destaca-se na sua organização a existência de uma pequena sacristia e da escadaria lateral que facilitava o acesso a um coro-alto. A frontaria exhibe um portal moldurado sobre o qual se insere um frontão rematado por um motivo ornamental em forma de pinha. Já no nível da empena, observa-se um pequeno óculo quadrilobado. A capela é rematada por campanário e pináculos em forma de pirâmide.



FIGURA 3 Capela de São José, Casa da Ribeira